

ENTRE GRADES E LIVROS: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA UNIDADE DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO DO RIO GRANDE DO NORTE

Ana Luiza Silveira ¹

Francisco Augusto Cruz de Araujo ²

RESUMO

O presente artigo relata as experiências de leitura e letramento literário realizadas na Unidade Socioeducativa CASE Pitimbu, localizada em Parnamirim, Rio Grande do Norte, por meio da criação do clube de leitura Entre Muros e Livros, voltado para adolescentes e jovens adultos em cumprimento de medidas socioeducativas em regime fechado. O objetivo do estudo é evidenciar as potencialidades da leitura e da escrita no processo de letramento literário desses jovens, cujas trajetórias são marcadas pela evasão escolar na infância e adolescência. Metodologicamente, a pesquisa-ação foi adotada, sendo desenvolvida a partir da aplicação de uma sequência didática literária. As atividades foram embasadas em referenciais teóricos que ressaltam a importância da leitura como instrumento de autonomia, liberdade e produção histórico-social, além de conceitos como o letramento literário como estratégia de alfabetização, a Zona de Desenvolvimento Proximal e a Teoria Socioconstrutivista. O desenvolvimento do clube de leitura enfrentou desafios característicos do ambiente institucional, onde protocolos de segurança limitaram a execução plena das atividades planejadas. No entanto, foi possível identificar avanços importantes, como o aumento do interesse pela leitura, a melhoria da escrita e a participação dos adolescentes em eventos literários, além de discussões significativas sobre temas transversais, como o vírus HIV, desigualdades sociais e o preconceito, presentes nas obras trabalhadas. Este relato destaca a relevância de iniciativas de inclusão literária para promover a leitura entre jovens em contextos socioeducativos, apontando o impacto positivo dessas atividades no processo de alfabetização e formação crítica dos participantes.

Palavras-chave: Socioeducação; Letramento Literário; Leitura, Clube de Leitura, Privados de Liberdade.

INTRODUÇÃO

A realidade da educação nos sistemas de privação de liberdade é uma pauta a ser colocada como prioridade e demanda de muito mais atenção dos poderes públicos e educadores em geral. O Sistema Socioeducativo constitui-se de uma política pública destinada à promoção, proteção e defesa dos direitos humanos e fundamentais de adolescentes e jovens responsabilizados pela prática de ato infracional. Se trata de adolescentes e jovens adultos com idades entre quatorze e vinte e um anos de idade, que

¹Graduada em Letra Língua Espanhola e Literaturas pela UFRN e Especialista Ensino e Literatura no IFRN Campus Zona Leste - alusilveira87@gmail.com;

²Graduado em Ciências Sociais pela UERN, mestre em Ciências Sociais pela UFRN - fcaugusto@gmail.com.

em sua maioria, têm pouca escolaridade, raramente completaram o ensino fundamental e mais raramente ainda o ensino médio. Eles adentram no sistema socioeducativo com um déficit educacional alarmante, muitos semianalfabetos, com dificuldades em leitura, escrita, escuta e compreensão.

Enquanto professora do sistema socioeducativo, me parece urgente o pensar na elaboração de estratégias de ensino para diferentes níveis de aprendizagem, levando em consideração uma população de estudantes que não se encontra no sistema regular de ensino. São alunos que estão fora da idade escolar para as respectivas séries, alunos que interromperam seus estudos no Ensino Fundamental, entre o 6º e 9º anos, e que mesmo adolescentes já se encontram em situação de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com inúmeras dificuldades em todo o processo de escolarização.

Neste artigo, compartilho experiências como educadora relacionadas às atividades implementadas na unidade Socioeducativa CASE Pitimbu, mais especificamente as atividades do clube de leitura *Entre Muros e Livros*. A partir de 2022 até hoje, em 2024, estou responsável pela docência das disciplinas do componente de Linguagens (Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes). A escola que funciona dentro do CASE Pitimbu é um anexo do Centro de Formação de Jovens e Adultos Professora Lia Campos. O clube de leitura foi desenvolvido dentro da minha carga horária da disciplina de Língua Inglesa que ocorreu no período entre 04/09/2023 a 31/10/2023. Ao formar o clube, o objetivo também foi de fortalecer a aprendizagem, melhorar o nível da leitura e ampliar os horizontes culturais e emocionais dos meus alunos, utilizando a leitura como recurso didático e metodológico para trabalhar os assuntos e estimular a leitura.

Inicialmente, selecionei uma obra que considerei viável, pelo nível textual de fácil entendimento, por trazer pautas importantes e atuais, por trazer algumas expressões em inglês que poderiam ser trabalhadas nas aulas de Língua Inglesa e se tratar de autobiografia. Junto com os alunos, lemos a obra e desenvolvemos atividades direcionadas para a compreensão da leitura, onde forneci ferramentas em forma de atividades para abordar temas transversais relacionados ao livro. Posteriormente, discutimos o texto em grupo, em formato de roda de conversa, onde todos puderam expressar livremente suas opiniões, levantando tópicos e interpretações consideradas relevantes para a temática, inclusive partilhas de relatos pessoais. As etapas desse processo serão relatadas ao longo deste artigo.

Neste trabalho, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, a partir da perspectiva de Thiollent (2011), analisando as atividades realizadas e descrevendo como se deu o processo sob meu olhar de pesquisadora e educadora. Logo em seguida, apresentamos a sequência didática e as atividades conforme Cosson (2009), adaptadas para o contexto socioeducativo.

Um clube de leitura desempenha um papel fundamental dentro de uma instituição de medida socioeducativa, pois promove o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos seus participantes. Ao proporcionar um espaço dedicado à leitura e discussão de obras literárias, o clube estimula a imaginação, a criatividade e a reflexão crítica dos indivíduos envolvidos (Candido, 1995). Além disso, a interação entre os membros do clube fomenta habilidades de comunicação, empatia e respeito mútuo, criando um ambiente propício para a construção de relacionamentos saudáveis. Através da leitura compartilhada, os participantes podem explorar diferentes perspectivas, ampliar horizontes e adquirir conhecimentos sobre diversos temas, enriquecendo sua bagagem cultural e intelectual. Dessa forma, um clube de leitura se torna uma ferramenta poderosa de transformação e inclusão, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos envolvidos no processo socioeducativo.

METODOLOGIA

Este relato de experiência do clube de leitura foi construído utilizando uma abordagem de pesquisa-ação. Esse método envolveu a colaboração ativa dos participantes do clube, que não apenas compartilharam suas experiências pessoais, mas também se engajaram em reflexões críticas e tomada de decisões conjuntas. Ao combinar a pesquisa com a ação prática, os membros do clube foram capazes de identificar desafios e oportunidades, desenvolver estratégias eficazes e implementar mudanças significativas. A pesquisa-ação permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas do clube de leitura, promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecedor e uma maior capacidade de adaptação às necessidades e interesses dos participantes.

Ao pensar no clube de leitura, primeiramente pensei nos benefícios que atraíam para o grupo e conseqüentemente para quem se interessasse, que é um dos princípios deste método. A oportunidade dos componentes do grupo de leitura participarem ativamente das leituras, interpretações e resolução de problemas. Segundo Thiollent (2011),

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Os problemas são muitos: alfabetização fragilizada, a não estimulação a hábitos de leitura, abandono, tédio, são apenas alguns. A leitura pode não solucionar de imediato tais problemas, mas começa a melhorar nos sintomas e pode aproximar os iguais em problemas para recomeços, re-pensares e soluções produtivas através do exemplo da história alheia, da história do outro, das trocas de experiências e vivências.

A sequência didática das atividades do clube de leitura, utilizadas como estratégias de letramento, foi baseada na sequência básica proposta por Rildo Cosson (2012). Inicialmente, planejei oito encontros para a leitura completa do livro, com atividades norteadoras em cada um deles. No entanto, devido a diversos imprevistos, não foi possível seguir exatamente o plano original. O grupo foi composto por cinco alunos, que cursavam entre o sexto e o nono ano do ensino fundamental. Embora minha turma contasse com 21 alunos matriculados, a atividade só pôde ser realizada com um número reduzido de participantes.

O livro escolhido, *Depois Daquela Viagem*, possui 278 páginas, divididas em 15 capítulos. A sequência de leitura seguiu os quatro passos propostos por Cosson: o primeiro deles, a motivação, é um procedimento de introdução à leitura, que visa despertar o interesse pelos benefícios da leitura. No caso do nosso clube, essa conversa inicial foi conduzida de maneira simples e honesta. Perguntei se eles gostavam de ler, e a maioria respondeu que não muito. Quando questionei o que costumavam ler, a maioria afirmou que, naquele momento, quase não estavam lendo. Apenas um dos cinco adolescentes se lembrou do último livro que haviam lido, *Amoras* de Emicida, durante a disciplina de português; os outros quatro não se recordavam.

Outro elemento motivador foi a votação para o nome do clube de leitura. Pedi que sugerissem nomes que achassem interessantes, contanto que estivessem relacionados à atividade. Apesar de poucas sugestões, fiz um apanhado de algumas opções e, após uma votação rápida, o nome escolhido foi *Entre Muros e Livros*. Esse pequeno ato fez com que o grupo se sentisse mais unido, criando uma sensação de pertencimento a uma pequena comunidade, que transcendeu o fato de estarem em regime de privação de liberdade no CASE Pitimbu.

Ainda nesse primeiro encontro, e dentro do processo de convencimento de que "o ato de ler não se esgota na decodificação da palavra escrita ou da linguagem, mas se antecipa e se prolonga na inteligência do mundo" (Freire, 1989), avançamos para o segundo passo da sequência básica, a introdução, que consiste na apresentação da autora e da obra (Cosson, 2012).

O livro *Depois Daquela Viagem* foi primeiramente apresentado aos adolescentes. Pedi que lessem o título, o nome da autora, observassem as imagens, contassem as páginas e identificassem outros elementos que chamassem sua atenção. Solicitei também que compartilhassem suas primeiras impressões e perguntei se sabiam do que tratava o livro. Em seguida, pedi que lessem a orelha, onde havia uma breve apresentação da obra, e que prestassem atenção à palavra "autobiográfico", questionando se conheciam seu significado.

Após esse primeiro contato, conversamos sobre o tema central do livro: a história de uma jovem que foi contaminada com HIV na adolescência e escreveu sobre sua experiência em uma época em que a desinformação sobre o assunto era tão prejudicial quanto o próprio vírus. Perguntei se sabiam o que era HIV e Aids, e como ocorria a contaminação. Embora no início eles estivessem tímidos, era evidente a curiosidade no ambiente, refletida não nas palavras, mas nos olhares atentos.

Nesse momento, foi fundamental contextualizar a obra, pois, como afirma Freire (1989), não há texto sem contexto. Expliquei que o livro se passava em 1988, uma época em que o mundo lidava de forma muito diferente com o HIV. A ciência estava muito atrasada em comparação com os dias de hoje, e o preconceito era uma barreira imensa em relação ao tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com base na minha experiência profissional na escola do sistema socioeducativo, compreendo a importância de promover hábitos de leitura entre os socioeducandos. Ao iniciar o clube de leitura, não tinha certeza de como seria a dinâmica, mas sabia de alguns princípios inegociáveis para mim. Um deles era garantir que minha sala de aula fosse um ambiente seguro e acolhedor, onde os alunos se sentissem confortáveis para compartilhar ideias e perceber sua relevância. Além disso, era fundamental para mim evitar qualquer tipo de interrupção por parte dos agentes no conteúdo das minhas aulas, nas minhas falas e nos meus posicionamentos. Nesse ponto, tive a sorte de nunca passar por essa situação, o que sei ser uma realidade frequente para

muitos colegas. A equipe técnica e a direção do CASE Pitimbu sempre se esforçaram para me proporcionar as melhores condições para ministrar minhas aulas, demonstrando grande competência e dedicação.

Como educadora, sinto a necessidade de atuar de forma ativa, estando atenta às situações e necessidades dos meus alunos. Vejo meu papel como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e a ressocialização desses adolescentes, o que caracteriza este relato como uma metodologia de pesquisa-ação (Thiollent, 2011). Essa metodologia consiste em uma investigação no campo social, baseada em evidências concretas, planejada e executada em parceria com uma ação específica ou a busca pela solução de um problema que afeta determinado grupo. Nessa abordagem, pesquisadores e participantes se envolvem de forma colaborativa, compartilhando responsabilidades.

No clube de leitura, além de ler, o objetivo é discutir e analisar as obras, com trocas de ideias que são imprescindíveis para o processo de aprendizagem. A teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) sugere que a aprendizagem começa mesmo antes da introdução de novas informações, e que a progressão ocorre ao elevarmos o nível de desafio. Assim, indivíduos com diferentes níveis de conhecimento aprendem por meio da interação e troca de saberes, com a presença de um mediador para auxiliar na construção do raciocínio. Nesse grupo, os adolescentes estão em diferentes níveis de leitura e compreensão, e, como mediadora, meu papel não é ser a única detentora do conhecimento, mas guiar o processo. Auxílio na leitura, corrigindo pronúncias, sugerindo sinônimos quando palavras ou expressões não são compreendidas. Também apoio a compreensão por meio de atividades como roteiros de discussão e linhas do tempo, para ajudar a fixar os eventos da história e a não esquecer os personagens e suas tramas. A ZDP segundo Vygotsky é

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1994)

Enquanto educadora, estou mediadora, porque não se trata de transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 1996). As trocas de vivências e conhecimentos prévios entre diferentes indivíduos enriquecem a aprendizagem, a transforma em um processo horizontal, criando oportunidades para a geração ou construção de conhecimentos. Considerar a vivência dos alunos nas práticas de leitura e entendimento é primordial para o êxito

dessa atividade porque se trata de proporcionar a esses alunos um lugar seguro, onde eles possam se expressar e se sentirem relevantes, e assim, de maneira afetiva, progredir em sua jornada. A ação de ler vai além da simples alfabetização, envolvendo o desenvolvimento de habilidades mais avançadas de compreensão e análise de textos literários, bem como o desenvolvimento de uma sensibilidade estética e crítica em relação à literatura. O letramento literário, de acordo com Cosson (2012), refere-se à capacidade de compreender, interpretar e apreciar textos literários, além de utilizar a literatura de forma eficaz em diversas situações sociais. Ele argumenta que o letramento literário é essencial para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de compreender e se expressar através da linguagem literária.

Ler em lugares de privação de liberdade poderia ser visto como a melhor das ideias, afinal, há uma faixa de tempo que parece ser infinita de ociosidade, mas nem sempre é possível ser interpretada com tanto otimismo. Livros podem se tornar armas, podem ser usados para machucar, para repassar mensagens entre alojamentos. Há quem veja também com maus olhos a possibilidade do livro ser uma opção de lazer, que é um privilégio completamente desnecessário a quem está cumprindo medida socioeducativa, o prazer é quase uma restrição num local como esse, a quietação e o padecimento parecem mais adequados. Para as atividades do clube de leitura do livro *Depois daquela viagem*, foi pensada uma sequência básica (Cosson, 2012), que é constituída por quatro passos: mobilização de conhecimentos anteriores, estimulando os alunos a trazerem para a discussão o que já sabem sobre o tema, ativando os conhecimentos prévios; problematização, apresentando um problema ou situação que desperta o interesse deles, instigando a curiosidade e reflexão; a construção do conhecimento, promovendo atividades que possibilitam a exploração, a pesquisa e a construção de novos saberes, onde os alunos são protagonistas do processo e finalmente, a aplicação e avaliação, buscando envolver a aplicação dos conhecimentos adquiridos em contextos práticos, além de avaliar tanto o aprendizado dos alunos quanto o processo de ensino.

Essa sequência didática será exposta detalhadamente mais adiante. Para a construção das etapas da sequência de atividades de cada encontro, utilizei de contextualizações como maneira de trazer o texto literário para o contexto do aluno (Cavalcante, 2009) intertextualidades e do método recepcional (Cabral, 2009) na qual há uma relação dialógica entre obra e leitor. A leitura é uma necessidade pessoal e a leitura do mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1989), ler é um ato político e um mecanismo de autonomia.

Não há como separar leitura e alfabetização, como afirma Magda Soares (2005), a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura. As técnicas de letramento não estão dissociadas ao processo de alfabetização desses adolescentes que em sua maioria se confirma tão falho. Assim e dessa forma, o processo de alfabetização vai se dando conforme às práticas do clube de leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda na introdução, li o primeiro capítulo de forma pausada e com entonação apropriada, conforme Cavalcante (2009). Perguntei se havia alguma palavra ou expressão desconhecida e me disponibilizei para esclarecer dúvidas. Ao final da leitura, pedi que compartilhassem suas impressões iniciais, e as respostas foram positivas. Entreguei a cada um um exemplar do livro e recomendei que lessem o segundo capítulo para a semana seguinte, dando continuidade à sequência básica com o passo 3: leitura.

O segundo encontro do clube *Entre Muros e Livros* foi adiado para a semana seguinte. Orientei o grupo a ler, além do capítulo 2, o capítulo 3, já que teriam mais tempo e estavam com o livro em mãos. Quando o encontro finalmente aconteceu, perguntei aos cinco participantes se haviam lido: três leram apenas o capítulo 2, um havia lido, mas já esquecido, e um leu o livro inteiro. Antes de começarmos a roda de conversa sobre o texto, trouxe um material extra: um panfleto do Ministério da Saúde que falava sobre o vírus HIV. A ideia era fazer uma intertextualidade entre as informações do panfleto e os eventos da história de Valéria, esclarecendo dúvidas e informando sobre um tema de saúde pública.

Em seguida, entreguei roteiros de leitura sobre os capítulos lidos, para facilitar a discussão. Percebi que os alunos tinham dificuldade em responder às questões sem retomar a história, então sugeri que fizessemos a leitura coletiva dos capítulos 2 e 3, respondendo às questões ao longo da leitura. O clima do clube era descontraído, e os adolescentes se sentiam à vontade para opinar e fazer perguntas. Um deles até comentou: "Nem parece que a gente tá preso". Ao final do encontro, orientei que lessem os capítulos 4 e 5 para o próximo encontro.

Os encontros para discutir os capítulos 4 e 5 ocorreram alguns dias depois. Trabalhar em escolas dentro de unidades socioeducativas envolve lidar com imprevistos, como falta de agentes, idas à delegacia, audiências e consultas médicas. Quando finalmente retomamos as atividades, apenas um dos cinco alunos havia lido os capítulos. Um deles perdeu o livro durante uma revista surpresa, quando foi transferido

de alojamento; outro relatou que não conseguia ler por causa do barulho e do calor, algo compreensível dado que o ambiente não era confortável. Percebi que a turma estava desmotivada e que seria necessário acompanhá-los mais de perto na leitura. Propus, então, que faríamos as leituras juntos, em sala, mas isso não foi suficiente para reacender o entusiasmo inicial. Os imprevistos e os longos intervalos entre os encontros prejudicaram o grupo, que estava começando a criar o hábito de leitura, considerando que tínhamos apenas um encontro por semana.

Lemos os capítulos 4 e 5 de forma coletiva e discutimos o conteúdo com base nos roteiros que eu havia preparado. Como atividade complementar, propus um jogo em que os adolescentes deveriam relacionar datas aos acontecimentos da história.

Nesse meio tempo, recebemos a notícia de que fomos convidados a participar do 2º Caminhos Literários no Socioeducativo - Pelo Direito à Leitura, uma iniciativa do programa Fazendo Justiça, em parceria com o CNJ e o PNUD. O evento, por meio de encontros virtuais, contou com palestras de diferentes instituições, escritores, professores, pesquisadores, e ofereceu espaço para que adolescentes e professores apresentassem seus projetos de leitura.

Com o evento se aproximando e a leitura do livro se tornando cansativa, decidi encerrar a leitura e aplicar o último passo da sequência básica: a interpretação. Embora a interpretação já ocorresse durante a leitura dos capítulos, senti que uma atividade final seria necessária para encerrar o processo sem deixar pontas soltas. Redigi um resumo dos principais acontecimentos que concluíam a história e fizemos a leitura juntos. Mostrei uma foto de Valéria Piassa Polizzi, informando que ela está viva e bem, o que deixou os alunos contentes ao saber que, com o tratamento correto (e gratuito), é possível conviver com o HIV nos dias de hoje.

Por fim, propus que criassem um cartaz com uma linha do tempo destacando os principais acontecimentos da vida de Valéria, conforme acompanhamos até o capítulo 5.

Para concluir as estratégias de letramento em ambiente socioeducativo, elaborei um pequeno questionário simulando uma entrevista final, com o objetivo de realizar uma pesquisa de opinião.

Com as respostas obtidas, a experiência de desenvolver uma sequência didática voltada para a leitura e alfabetização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa revelou-se profundamente desafiadora e enriquecedora. Trabalhar com esses jovens, que muitas vezes têm trajetórias marcadas por exclusão social e escolar,

exigiu adaptações metodológicas que respeitassem suas necessidades educacionais e emocionais, criando um espaço de aprendizado significativo.

A proposta foi estruturada com base em estratégias de letramento, utilizando a leitura como ferramenta central. O livro escolhido ofereceu uma rica oportunidade para discutir temas transversais como saúde, preconceito e superação. No entanto, o contexto em que esses adolescentes vivem trouxe desafios particulares: a falta de continuidade nos encontros devido a imprevistos, como transferências, audiências judiciais e até as condições físicas adversas das unidades socioeducativas, tornou o processo mais fragmentado.

Ainda assim, os resultados foram surpreendentes. Muitos dos adolescentes, no início do processo, demonstravam grande dificuldade na leitura, com limitações no reconhecimento de palavras e na fluência. O ambiente de exclusão escolar e a falta de estímulo à leitura ao longo de suas vidas havia prejudicado o desenvolvimento dessas habilidades básicas. No entanto, ao longo dos encontros, foi possível notar uma evolução considerável. Aqueles que “catavam sílabas” no início, pouco a pouco, foram adquirindo maior confiança, fluência e até prazer na leitura.

O processo de alfabetização e letramento desses jovens foi marcado por momentos de descoberta. A prática da leitura coletiva, acompanhada de discussões e atividades interativas, como a criação de uma linha do tempo dos principais acontecimentos do livro, favoreceu a construção de um espaço onde eles se sentiram à vontade para opinar e questionar. A intertextualidade com materiais informativos sobre o HIV trouxe à tona debates sobre saúde pública e preconceito, temas que foram rapidamente conectados à realidade vivida por eles.

A experiência reafirma a importância de projetos de leitura em contextos socioeducativos, especialmente para jovens em processo de alfabetização e letramento. O acesso à literatura é uma ferramenta de empoderamento, que permite aos adolescentes não apenas adquirir habilidades linguísticas, mas também refletir sobre suas próprias histórias e realidades. Embora o caminho seja permeado por desafios, os resultados mostram que, com dedicação e estratégias pedagógicas apropriadas, é possível plantar sementes de transformação na vida desses jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as respostas do questionário final, observei alguns pontos relevantes. O primeiro é a dificuldade que os adolescentes têm em ir além do óbvio, um

reflexo da falta de incentivo à leitura. Essa ausência de hábito limita suas respostas, já que não possuem repertório, vocabulário amplo ou fluência narrativa. Além disso, percebi que, embora tentem ser sinceros, muitos não se sentem à vontade para expressar tudo o que pensam. A falta de confiança é clara, refletida na ausência de críticas ou pontos negativos nas respostas.

Ao longo dos encontros do clube de leitura, pude notar um progresso significativo em vários aspectos. Alguns alunos, que no início tinham dificuldades em juntar sílabas, apresentaram uma melhora notável na fluência e na oralidade. Também foi visível como se apropriaram de novas palavras e conceitos ao longo das atividades, expandindo seu vocabulário de maneira orgânica. Esse tipo de aprendizado é profundo e duradouro, algo que ninguém pode tirar deles.

Apesar de não termos concluído a leitura do livro, os adolescentes demonstraram uma compreensão sólida dos principais acontecimentos da vida de Valéria. Entenderam o que é uma obra autobiográfica e absorveram bem as discussões sobre temas importantes, como a transmissão do HIV, o tratamento e o preconceito associado ao vírus. Acredito que essa atividade marcará profundamente esses adolescentes, que antes não tinham o hábito da leitura, mas que agora carregam consigo a experiência de ler e refletir sobre suas próprias vidas.

A participação no 2º Caminhos Literários no Socioeducativo foi um ponto alto. Ao apresentarem a linha do tempo da vida de Valéria, falando sobre o que aprenderam sobre AIDS para um público amplo, esses adolescentes, muitas vezes vistos apenas como socioeducandos, assumiram uma nova identidade. Eles tinham lido um livro e, naquele momento, tinham algo importante a dizer ao mundo. Essa experiência ampliou seus horizontes e reforçou a ideia de que a leitura pode ser uma ferramenta poderosa de transformação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, 1990. Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 3 mai. 2023.

- CABRAL, Sara Regina Scotta. Metodologia(s) no processo de ensino e aprendizagem. In: ULBRA (Org.). Metodologia de ensino de literatura. Curitiba: IPBEX, 2009. p. 15-28.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. Remate de Males. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, Campinas, SP, 1999.
- CASSANY, D.; CASTELLA, J. Aproximación a la literacidad crítica. Perspectiva, v. 28, n.20, p. 353-374, 2010.
- COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014. _____ . Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, Moema. A contextualização e intertextualidade literária. In: ULBRA (Org.). Metodologia de ensino de literatura. Curitiba: IPBEX, 2009. p. 29-40.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989. _____ . Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. _____ . Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993